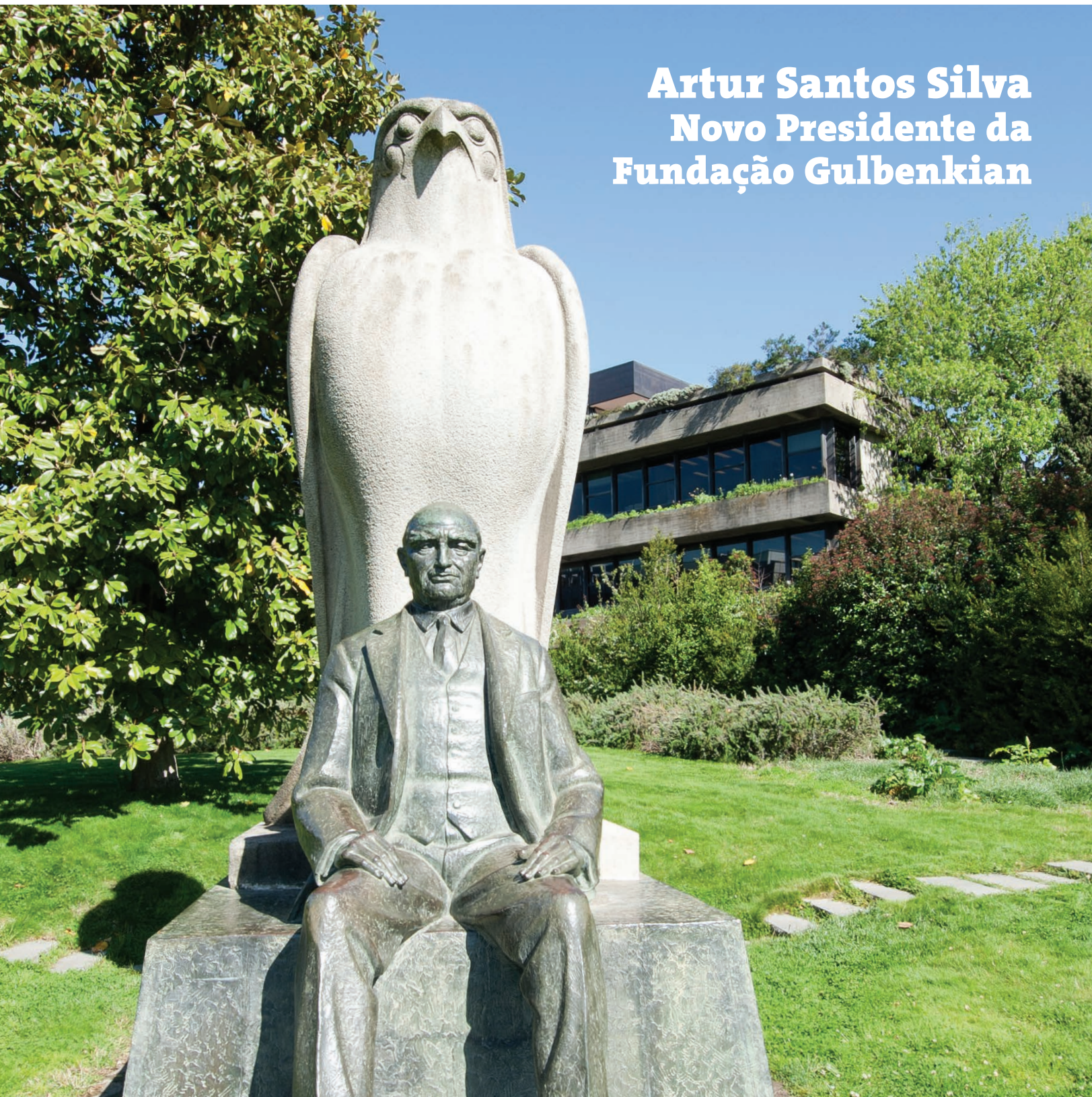




FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **133**
MAIO 2012

Artur Santos Silva
Novo Presidente da
Fundação Gulbenkian



4

Novo presidente na Fundação Gulbenkian

No dia 3, Artur Santos Silva sucedeu a Emílio Rui Vilar na presidência do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. No dia anterior, no último Conselho de Administração Plenário presidido por Emílio Rui Vilar, foram aprovadas as contas de 2011 que revelam o crescimento da instituição. A Fundação Gulbenkian aumentou os seus ativos totais em três por cento, relativamente ao ano anterior.



Márcia Lessa

13

Dia aberto no IGC

A celebrar o cinquentenário durante todo o ano, o Instituto Gulbenkian de Ciência escolheu o dia **2 de junho** para abrir portas a quem o queira visitar. Os laboratórios e os vários espaços junto ao Jardim Marquês de Pombal, em Oeiras, estarão abertos à curiosidade de todos e às visitas, experiências e conversas com os cientistas.

14

Os nomes do Jazz em Agosto

De **3 a 12 de agosto**, o jazz ocupa o Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação para mais um festival que mostra sempre o “outro lado do jazz”. Este ano, o lendário baterista Sunny Murray vem demonstrar a sua vitalidade aos 75 anos, num concerto de abertura em que atuará ao lado de dois conhecidos músicos britânicos. Outros concertos se anunciam nesta 29.ª edição, que terá de novo uma parceria com o Teatro do Bairro, em Lisboa.



Nuno Martins

Nuova Camerata

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 133.MAIO.2012 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Godinho | André Cunha

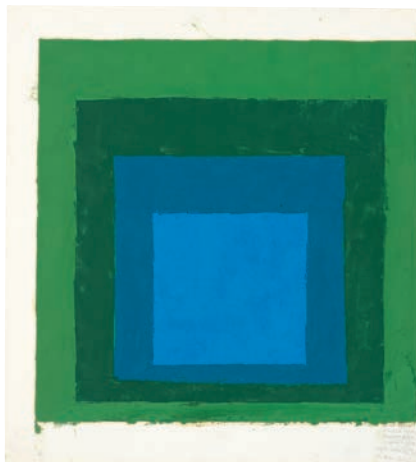
DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | FOTO DA CAPA Márcia Lessa

IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares

Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

20

Josef Albers e Antoni Muntadas no CAM



Estudo para Homenagem ao Quadrado, s.d.
© The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Conn.

Nomes fundamentais da arte do século XX, o norte-americano Josef Albers e o catalão Antoni Muntadas terão as suas obras em exposição no CAM em maio e junho. Vindo diretamente do Centro Pompidou, o trabalho de Josef Albers será mostrado a partir de **18 de maio**, naquela que será a primeira exposição do artista em Portugal.

A **1 de junho** abrirá a exposição retrospectiva de Antoni Muntadas, um dos pioneiros na reflexão sobre arte e *media*.

24

O design e a moda no Norte de África

O lugar do *design* e da moda no Norte de África é o tema do Observatório de África e da América Latina, uma das muitas iniciativas do Programa Gulbenkian Próximo Futuro. No sábado **12, das 9h30 às 17h30**, o Auditório 3 receberá vários profissionais e investigadores, portugueses e estrangeiros, de diversas áreas do *Design*. Com entrada livre, o Observatório tem a coordenação do crítico de *Design*, Frederico Duarte, que assina, neste número, a secção Um Outro Olhar.



26

A hora de Maurice Ravel

Rui Vieira Nery chama-lhe um “mestre absoluto do impressionismo musical francês”. O compositor estará em destaque no final da Gulbenkian Música 11/12, com cinco concertos da Orquestra Gulbenkian. *A Hora Espanhola*, a primeira das suas duas óperas, estreada na Opéra Comique de Paris, vai marcar o encerramento da temporada. Para o dia **28 de maio** está marcada a apresentação ao público da nova temporada Gulbenkian Música 12/13, no Grande Auditório.

índice

primeiro plano

- 4 **Novo Presidente na Fundação Gulbenkian**

notícias

- 8 **Delegação da Fundação Gulbenkian em Paris: Biblioteca com nova vida**
- 10 **Portugal e Brasil na Colóquio-Letras**
- 10 **Mr Finney e o mundo de pernas para o ar**
- 11 **Reabilitar a custo zero no Porto**
- 12 **CISA publica primeiro estudo científico**
- 13 **Instituto Gulbenkian de Ciência Dia aberto**
- 13 **Arte urbana**
- 13 **Um curso laboratorial para professores**
- 14 **Sunny Murray abre Jazz em Agosto**

15 breves

bolseiros gulbenkian

- 16 **Eduardo Guerra**

um outro olhar

- 18 **Frederico Duarte**

em maio

- 20 **Josef Albers na América**
- 22 **Antoni Muntadas. Entre/Between**
- 23 **Jorge Varanda. Pequeno-almoço sobre cartolina**
- 24 **O design e a moda no Norte de África**
- 25 **Segurança alimentar: garantia para o desenvolvimento**
- 25 **Como rodopia um pião, e porquê**
- 26 **A hora de Maurice Ravel**

28 novas edições

- 29 **catálogos de exposições na biblioteca de arte**

uma obra

- 30 **Barómetro-termómetro**





Artur Santos Silva Novo Presidente da Fundação Gulbenkian

O início de mandato do novo presidente, Artur Santos Silva, foi assinalado numa cerimónia realizada no dia 3 de maio, na Sala de Honra, na presença dos colaboradores da Fundação e de alguns convidados, terminando com um concerto pela Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Pedro Neves, em homenagem a Emílio Rui Vilar.

No seu discurso de início de mandato, Artur Santos Silva começou por destacar o gesto de grande generosidade do fundador e o extraordinário impacto da Fundação na sociedade portuguesa, para muitos “a mais prestigiada instituição do país”. Ao assumir a presidência, com a “grande responsabilidade” de suceder a Emílio Rui Vilar, o novo presidente destacou a dimensão intelectual, profissional, cultural e ética do seu antecessor, vendo-a como uma “referência inspiradora” e um “legado inestimável” que pretende “honrar, consolidar e desenvolver”. Santos Silva lembrou que, nos últimos anos, “a Fundação reforçou os capitais próprios e a sua sustentabilidade, renovou o sistema de governo e os métodos de trabalho, alargou consideravelmente a sua intervenção e a sua afirmação internacional e modernizou as suas estruturas em Portugal e no estrangeiro”.

Quanto à sua relação com a Fundação Gulbenkian, Artur Santos Silva afirmou “não lhe serem estranhas a sua história e a responsabilidade que exige”. Recordou que em 1995 foi convidado por Ferrer Correia a integrar o Conselho Consultivo Geral, então criado, e que, a partir de 2002, se tornou administrador não executivo da Fundação, o que lhe conferiu “um conhecimento da estratégia, das políticas, das atividades desenvolvidas, da situação patrimonial e da elevada qualidade dos recursos humanos da Fundação”.

Tratando-se da fundação europeia que “mais significativas e diversificadas atividades exerce”, Artur Santos Silva vê nela “a acrescida responsabilidade de atuar num país de média dimensão, com relevantes insuficiências estruturais”. Daí que considere que “a afirmação da Fundação num mundo global deverá saber manter uma relação de proximidade com os Portugueses” e que a sua principal preocupação será assegurar as condições da sua perpetuidade. “A dimensão,

a solidez e a rentabilidade do seu património terão sempre de constituir a primeira prioridade, tal como a sustentabilidade da sua estrutura de custos fixos, essencial para permitir manter a indispensável agilidade nestes tempos tão perturbados e incertos.”

Assumindo a sua solidariedade com as mais importantes decisões tomadas até agora, Santos Silva garantiu que “perante um mundo que não para, a Fundação não pode também parar”, pelo que é natural que continue “a renovar a sua intervenção não apenas para se adaptar, mas para saber estar, se possível, à frente do seu tempo”. Ao enumerar algumas ideias gerais sobre a atuação futura, destacou o reforço da “extraordinária marca que é a Fundação Calouste Gulbenkian”, para que continue a ser “uma instituição ágil e inovadora”. A Fundação deve participar nos exigentes desafios da sociedade do conhecimento e também “ajudar na construção de pontes entre culturas”, sobretudo nas relações com o Médio Oriente, “em atenção ao legado do Fundador”.

O novo presidente manterá a aposta, iniciada sob a presidência de Emílio Rui Vilar, nos Programas Gulbenkian, que cruzam as finalidades estatutárias da Fundação e que “devem reforçar-se entre si, ser sujeitos a avaliações objetivas”, ser abertos “às melhores competências e talentos nacionais e estrangeiros”, devendo também “associar outras fundações ou instituições nacionais e estrangeiras”, assim como valorizar “parcerias institucionais duradouras”.

Referindo-se ao quadro internacional e, em especial, europeu, “muito complexo”, que se vive com “relevantes implicações nos mercados financeiros”, alertou devermos estar preparados para suportar dias difíceis. A terminar o seu discurso, o presidente da Fundação diz que ela nos assegura estabilidade, qualidade e independência. E conclui “isso



obriga-nos a seguir com empenho, entusiasmo e inteligência o imperativo de vida do nosso Fundador: *'only the best'*, fazer apenas o melhor. É o que espero de todos, é o que espero que todos exijam de mim.”

AS PALAVRAS DO PRESIDENTE CESSANTE

Emílio Rui Vilar evocou Calouste Sarkis Gulbenkian “a quem nunca será demais exprimir reconhecimento” pelo “carácter ímpar do seu gesto filantrópico”. Num “tempo de fechar um ciclo”, referiu-se à Fundação como um “lugar único”, admitindo a sua dificuldade em falar, em poucas palavras, “da riqueza, diversidade e intensidade destes dezasseis anos e quatro meses” desde a sua entrada na Instituição, a 2 de janeiro de 1996.

Emílio Rui Vilar lembrou a sua primeira intervenção pública como presidente, a 20 de julho de 2002, por ocasião do 47.º Dia do Fundador, em que enunciou o que considerava serem os princípios constitucionais da instituição: “perpetuidade, independência, integridade e exigência de qualidade”, propondo o tempo e o modo de realizar a missão, “no quadro de grande liberdade e responsabilidade que o testamento do Fundador e os estatutos conferem aos *trustees*”. A celebração do cinquentenário da Fundação, em 2006, nos finais do seu primeiro mandato, constituiu a oportunidade de “fazer o balanço do passado” e de “corrigir e afinar a trajetória”, num “contexto em profunda mudança e carregado de incerteza”, o qual obrigou a conciliar “agilidade” e “perspicácia” e a “dar mais atenção às grandes e complexas questões do mundo contemporâneo”. Rejeitando fazer um balanço da década em que presidiu à Fundação, por não querer ser “juiz em causa própria”, Emílio Rui Vilar afirmou sentir a “tranquilidade de quem fez tudo o melhor que sabia e podia”.

Esperando que o relevem “pelo que pode parecer imodéstia”, invocou o reconhecimento alcançado com as presidências do Centro Português de Fundações e do European Foundation Centre, a copresidência da Global Philanthropy Leadership Initiative, bem como a sua recente eleição para Chairman do Nomination Committee do European Foundation Centre. “A Fundação ocupou plenamente o lugar que lhe cabia no plano internacional com a minha eleição para a presidência do EFC, que ocorreu, com especial significado simbólico, na reunião de Istambul (a cidade natal do Fundador), em junho de 2008 e que terminou em Portugal, no ano passado.”

Seguidamente destacou e agradeceu a “ajuda, cooperação, estímulo e provas de lealdade que foram muito além do dever profissional e institucional” que recebeu dos colegas da Administração e da generalidade dos colaboradores da Fundação. Terminou o seu discurso com uma pequena parábola de Italo Calvino, extraída do livro “As Cidades Invisíveis”, em que Marco Polo, descrevendo uma determinada ponte, fala da importância de cada uma das pedras que formam o arco que a sustém. Tal como essa ponte, “a Fundação Calouste Gulbenkian é constituída por muitas pedras, materiais umas, imateriais outras, mas todas pesadas: o designio do Fundador, o património, a qualidade dos seus recursos humanos, a sua matriz identitária, a sua capacidade de adaptação à mudança, a sua força federadora, o seu capital de experiência, o seu sistema de autorregulação e um código de boas práticas”. Para concluir: “Reunir todas estas pedras e formar a linha do arco é a responsabilidade maior do presidente da Fundação.” E foi ao seu sucessor que dirigiu as últimas palavras, desejando “pleno sucesso” na “tarefa exaltante” de presidir a uma instituição como a Fundação Gulbenkian. ■



Artur Santos Silva, Eduardo Marçal Grilo, Diogo Lucena, André Gonçalves Pereira, Martin Essayan, Eduardo Lourenço, Isabel Mota, Emílio Rui Vilar e Teresa Gouveia.

No último Conselho de Administração Plenário, presidido por Emílio Rui Vilar, a Fundação Gulbenkian aprovou as Contas relativas a 2011 que revelam um **aumento de três por cento nos seus ativos totais**, em comparação com o ano anterior. Os ativos totais atingiram os 3 018,6 milhões de euros no exercício de 2011, um aumento 87,8 milhões de euros relativamente a 2010.

Em 31 de dezembro de 2011, o património líquido ascendia a 2 645,5 milhões de euros, traduzindo um reforço de 89,7 milhões de euros em relação ao ano anterior (+3,5%).

O retorno total dos ativos foi de cerca de sete por cento. Na área do petróleo e do gás, manteve-se a dinâmica de investimento nas posições tradicionais da exploração e desenvolvimento. Os ativos no setor da energia aumentaram cerca de 187 milhões de euros (+20%) relativamente a 2010, atingindo 1 117 milhões de euros.

A consolidação da situação financeira da Fundação permitiu-lhe prosseguir, em 2011, a sua ação filantrópica, apesar das condições adversas associadas à crise económico-financeira internacional. ■

Emílio Rui Vilar Administrador não executivo da Fundação Gulbenkian

No primeiro Conselho de Administração Plenário presidido por Artur Santos Silva, realizado a 3 de maio, o Conselho deliberou, por unanimidade, cooptar o presidente cessante como administrador não executivo. Emílio Rui Vilar deixou, no dia 2, a presidência da instituição a que presidiu durante 10 anos e que, como refere no prefácio do livro

publicado com as suas intervenções, lhe abriu “as portas da filantropia nas suas diferentes dimensões e nas suas múltiplas expressões”.

Emílio Rui Vilar será o terceiro administrador não executivo da Fundação, ao lado de Eduardo Lourenço e de André Gonçalves Pereira. ■

Novos Programas Gulbenkian

Promover o desenvolvimento e a consolidação da língua e dos estudos portugueses em Portugal e no mundo é o objetivo do novo Programa Gulbenkian de Língua e Estudos Portugueses, que abrange áreas antes apoiadas pelo Serviço Internacional e pelo Programa de Língua Portuguesa. O novo Programa vai conceder apoios a atividades executadas por entidades externas à Fundação, bem como desenvolver iniciativas próprias. A direção será assegurada por Manuel Carmelo Rosa e Maria Helena Borges (diretora-adjunta) e terá a assessoria de Maria Fernanda Matias.

O Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento, antes dividido pelos setores da Saúde e da Educação, terá uma estrutura unificada, passando a abranger todos os domínios da ajuda ao desenvolvimento, com enfoque particular nos Grandes Objetivos do Milénio. Será dirigido por Maria Hermínia Cabral.

Ainda por decisão do Conselho de Administração, o setor de Bolsas é autonomizado relativamente ao Serviço de Educação, passando a reunir todas as bolsas concedidas pela Fundação Gulbenkian. Será dirigido por Margarida Abecassis. ■

Gerir com prudência e agir com audácia

Intitula-se *Varia* e reúne uma seleção de textos de Emílio Rui Vilar escritos durante os 16 anos que esteve ligado à Fundação Gulbenkian, primeiro como administrador, em 1996, e depois como presidente, a partir de 2002 e até maio de 2012. Os textos foram produzidos em diversos contextos, entre intervenções institucionais, conferências, discursos, prefácios, entrevistas e depoimentos. Composto por cerca de 600 páginas, o título, *Varia*, espelha precisamente a riqueza de uma instituição que, nas suas palavras, “cruza praticamente todas as disciplinas e todas as áreas do conhecimento e da gestão”.

Um livro que o presidente cessante entende como um “ato de prestação de contas” e, ao mesmo tempo, um “testemunho de um tempo rico de experiência”, como esclarece no prefácio. Nele, assume ainda ter sido um “privilegio” e uma “responsabilidade” chegar à liderança depois de seis anos como administrador, afirmando ainda que a sua entrada numa instituição com “o peso e a força matricial” da Fundação Calouste Gulbenkian lhe abriu “as portas da filantropia nas suas diferentes dimensões e nas suas múltiplas expressões”. Os textos que compõem este volume traduzem o pensamento e reflexão de Emílio Rui Vilar sobre a estratégia e a orientação que imprimiu tanto na Fundação como nas duas associações, portuguesa e europeia, a que presidiu: o Centro Português de Fundações (desde 2006) e o European Foundation Centre (entre 2008 e 2011). Num mundo em profunda mudança, Emílio Rui Vilar afirma ter procurado



“criar uma fundação mais ágil e menos condicionada pela rigidez dos custos fixos; mais atenta aos sinais dos tempos e mais apta a antecipar o futuro; mais aperfeiçoada institucionalmente, mais transparente e mais comunicante; mais interativa e melhor inserida nas redes internacionais da filantropia; e, finalmente, mais focada e mais preocupada com o impacto das suas intervenções”.

Muitos dos textos aqui reunidos refletem, expressa ou implicitamente, esse difícil equilíbrio entre uma “gestão prudente” e uma “ação audaciosa”, organizados por ordem temática, “uns mais doutrinários ou ensaísticos, outros circunstanciais, datados e limitados pelo acontecimento que os suscitou, outras ainda do foro pessoal, quase introspectivo, como algumas entrevistas e depoimentos e, finalmente, os que relevam, pura e simplesmente, do valor inestimável da amizade”.

Emílio Rui Vilar exprime a sua gratidão a todos os que permitiram esta “bela aventura”, recordando em primeiro lugar António Ferrer Correia, que o convidou para administrador da Fundação e o seu antecessor, Vítor de Sá Machado, “prematuramente desaparecido e de quem tanto havia a esperar”. Deixa um especial agradecimento ao presidente honorário da Fundação, Mikhael Essayan, neto do Fundador, “pela prudência e sabedoria das suas avisadas opiniões”, bem como a todos os colegas do Conselho de Administração com quem trabalhou, antigos e atuais, e a todos os colaboradores. ■

Delegação da Fundação Gulbenkian em Paris

Biblioteca com nova vida

Com a mudança de instalações, concluída em outubro de 2011, a Biblioteca da Delegação em França da Fundação Gulbenkian ganhou uma nova vida. Inaugurada em 1965, a biblioteca, que agora ocupa o n.º 39 do Boulevard de La Tour-Maubourg em Paris, dispõe do maior acervo lusófono fora de Portugal e do Brasil, com um fundo de cerca de 90 mil obras, muitas delas em livre acesso, abrangendo todos os domínios das ciências humanas em estreita relação com a cultura e a língua portuguesas.

“**N**ão há outras bibliotecas em Paris onde a África lusófona esteja bem representada”, afirma Maria-Arlette Darbord, bibliotecária-chefe desde 2008 do Centro Calouste Gulbenkian, onde as publicações sobre o mundo lusófono representam 15 por cento do fundo bibliográfico. Para além de ser um apoio essencial para os departamentos de Português das universidades da capital francesa, a biblioteca torna-se indispensável para os investigadores que trabalhem sobre o universo dos que falam e escrevem em português.

Mas, com a mudança de instalações, há novos leitores a chegar à biblioteca: “Estamos a captar um público de bairro que se interessa por Portugal, pelo Brasil ou pela África lusófona”, explica a responsável. Os leitores da



biblioteca – que triplicaram em relação aos que frequentavam o antigo espaço – deixaram de ser apenas estudantes universitários e investigadores, franceses e de outras nacionalidades. Os novos leitores são residentes do bairro, lusodescendentes ou simplesmente cidadãos interessados em aprofundar conhecimentos sobre o mundo lusófono. Maria-Arlette Darbord aponta os fatores que explicam o “fenómeno”: por um lado, a mudança de instalações de uma zona de escritórios para uma zona residencial; por outro, a constituição de um fundo de acesso livre com cerca de 13 mil obras (que não existia anteriormente na Avenue d’Iéna, onde estava instalado o Centro Calouste Gulbenkian) e a oferta de novos serviços, nomeadamente a abertura de uma cafetaria. À chegada dos novos leitores também não terá sido alheio o esforço que a Biblioteca tem empreendido para se dar a conhecer junto das livrarias do seu novo bairro e das bibliotecas públicas mais próximas. E não têm faltado os contactos com a BnF (Bibliothèque nationale de France), para divulgar a bibliografia de literatura infantil e juvenil de língua portuguesa que a Biblioteca do Centro Gulbenkian disponibiliza.

As publicações mais procuradas nesta biblioteca são obras de referência, no âmbito de disciplinas como a Arte, as Ciências Sociais, a História, a Língua e a Literatura, o que corresponde às secções que existem em livre acesso. “Mas, nos depósitos, o fundo geral é mais completo, inclui também obras sobre Agricultura, Filosofia, História regional, Religião e Transportes”, explica Maria-Arlette Darbord, que dirige uma equipa de apenas quatro pessoas, que não têm mãos a medir para todo o trabalho a fazer: aquisições, tratamento bibliográfico, gestão dos periódicos, gestão informática, formação dos utentes, entre outras tarefas administrativas. “Temos de ser polivalentes, cada funcionário acumula responsabilidades”, acrescenta.

Regularmente, promovem ações de formação em pesquisa, para as quais convidam professores e alunos universitários. Afinal, o catálogo da Biblioteca tem cerca de 90 mil obras



Histórias em português

Uma das novidades que a abertura do novo espaço da Biblioteca trouxe foi a criação de uma sala multimédia, feita a pensar também no público infantil e juvenil. “Queremos promover a leitura junto dos mais jovens”, diz Maria-Arlette Darbord. Foi assim que surgiram os contactos com O Contador de Histórias, um núcleo cultural sediado em Tomar que realiza ações de promoção da leitura, de formação e de espetáculos de humor. A 14 de março, realizou-se na Biblioteca a primeira sessão para turmas de escolas parisienses onde se aprende português. De manhã, vieram crianças dos seis aos oito anos; à tarde, foi a vez dos mais velhos, entre os 11 e os 13 anos (na foto), ouvirem histórias em português. A iniciativa foi de tal modo bem recebida que algumas destas crianças, na sua maioria lusodescendentes, já voltaram à biblioteca depois desta sessão, na companhia dos pais.

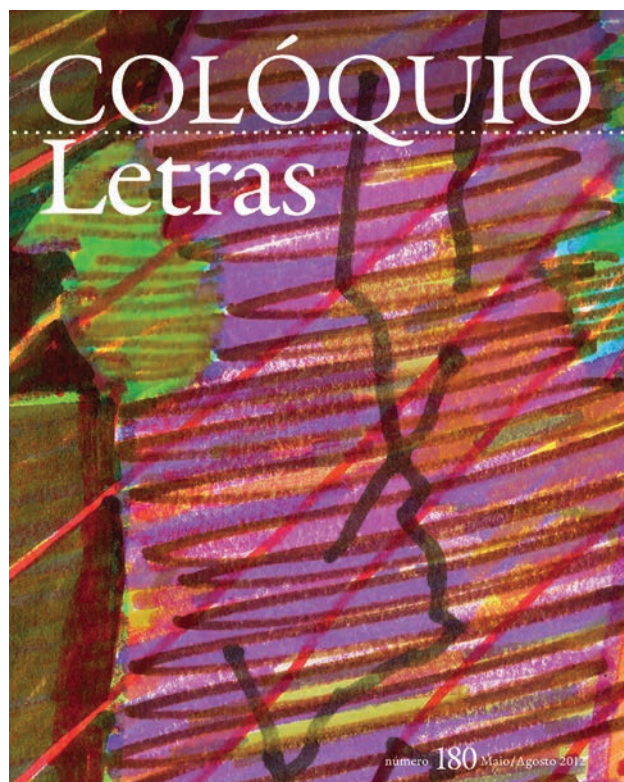
para consulta, uma das quais adquirida recentemente e limitada no mundo a apenas 987 exemplares. Trata-se de um *fac-símile* do Atlas de Fernão Vaz Dourado, original de 1571, publicado pelas edições Moleiro de Barcelona para o Salão do Livro de Paris, que decorreu em março. O atlas contém 18 mapas de grande qualidade a nível das iluminuras e um livro de comentários.

Na valiosa coleção de periódicos do século XIX e XX que a Biblioteca também possui, destacam-se as edições originais de *Orpheu*, a revista modernista dirigida por Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro. Não será por acaso, refere Maria-Arlette Darbord, que “desde outubro [altura em que a Biblioteca reabriu depois da mudança], um investigador americano tem vindo consultar regularmente o nosso acervo sobre Fernando Pessoa”. Já lá vão mais de seis meses. ■

Portugal e Brasil na Colóquio-Letras

O novo número da *Colóquio-Letras*, edição maio-agosto, associa-se às comemorações do ano Portugal-Brasil, dedicando o seu tema inicial a aspetos da literatura de ambos os países, tanto na poesia como na ficção, sobretudo contemporânea. Saulo Neiva aborda os diálogos de *Os Lusíadas* e a épica brasileira contemporânea; Sofia de Sousa Silva escreve sobre arte e artesanato em Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Sophia de Mello Breyner; Iumna Maria Simon contextualiza aquilo que considera ser uma “retradionalização frívola” na poesia brasileira.

Ainda no âmbito desta temática, Vera Bastazin reflete sobre a contaminação possível entre Hilda Hilst e Luís Miguel Nava, Ana Marques Gastão assina um artigo sobre “Clarice Lispector ou a autoentrevista” e Isabel Pires de Lima relaciona a obra de Fernanda Botelho e Nélida Pinõn com a Xerazade. Clarisse Fukelman detém-se, por outro lado, sobre a literatura de autoria feminina no Brasil, confiando-se a romancistas reveladas a partir da década de 90. Haverá também neste número espaço para evocar Benedito Nunes, pensador e ensaísta brasileiro recentemente falecido, num texto de Kenneth David Jackson. De Alberto Lacerda revelar-se-á, em texto de Luís Amorim de Sousa, a correspondência trocada com poetas brasileiros a exemplo de Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Murilo Mendes,



Desenho de capa de Fernando Lemos

Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto ou Haroldo Campos.

Obras de Eduardo Lourenço, Manuel Gusmão, Agostinho da Silva ou Yves Bonnefoy são alvo de recensões mais extensas, publicadas em Notas & Comentários, respetivamente por António Marques, António Carlos Cortez, António Cândido Franco e Fabio Scotti. Revelam-se nesta edição, inéditos de Maria Alzira Seixo, Marco Lucchesi e Helena Carvalhão Buescu. A crónica é de autoria do escritor cabo-verdiano Germano Almeida e os desenhos, da série Insetos e Insetas, são de Fernando Lemos. ■

Mr Finney e o mundo de pernas para o ar



Escrito pela princesa Laurentien van Oranje, este é o seu primeiro livro infantil e conta com ilustrações de Sieb Posthuma. Este livro leva jovens e adultos a viver a emocionante viagem de descoberta de Mr Finney, que procura respostas para as perguntas sobre o mundo à sua volta. Apresentado no dia 2 pela escritora Isabel Alçada, com a presença da autora, o livro é uma edição da Esfera do Caos, com o apoio da Fundação Gulbenkian. A princesa Laurentien da Holanda tem trabalhado ao longo dos últimos anos nas áreas do ambiente e da sustentabilidade. É frequentemente convidada para discursar perante decisores políticos e empresários acerca das ideias subjacentes a este livro. ■



Edifício da Rua da Reboleira

Reabilitar a custo zero no Porto

Arancou no dia 4 de abril o projeto de reabilitação urbana Arrebita!Porto, que tem na Fundação Gulbenkian um dos seus parceiros. A assinatura de um protocolo na Câmara Municipal do Porto marcou o lançamento desta ideia do arquiteto José Paixão, vencedora da primeira edição do FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, iniciativa da Fundação Gulbenkian e da Fundação Talento, que promove o empreendedorismo social recorrendo às ideias da diáspora portuguesa. O Arrebita!Porto tem por objetivo combater o abandono do centro da cidade, que perdeu um terço dos seus habitantes na última década, através da requalificação a custo zero de prédios devolutos ou degradados. A primeira ação deste projeto consistirá na reabilitação de um edifício da Rua da Reboleira, devoluto há vinte anos, que estará a cargo de uma equipa de estudantes de várias nacionalidades coordenada por José Paixão. As obras deverão ser iniciadas em setembro deste ano e a sua conclusão está prevista para 2014.

Esta ideia baseia-se na implementação de um sistema colaborativo no qual todos os intervenientes ganham algo com a sua contribuição. A execução do Arrebita!Porto depende da colaboração de estudantes internacionais de arquitetura e engenharia, que concebem e executam os projetos, podendo levar desta forma à prática as suas ideias. Mas também de empresas que asseguram a questão logística, integrando um projeto de responsabilidade social e deduzindo custos de IRC, bem como de professores universitários, que supervisionam a reabilitação e dela podem fazer casos de estudo nos respetivos cursos.

Aquando da assinatura do protocolo, que contou entre os seus signatários, além da Fundação Gulbenkian, com a Câmara do Porto, a Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, a Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto e o Instituto de Empreendedorismo Social, José Paixão afirmou-se convicto de que o modelo do Arrebita!Porto pode ser aplicado a outras cidades. ■



CISA publica primeiro estudo científico

A revista científica *PLOS ONE* publicou, em abril, o estudo “**Epidemiology of malaria, schistosomiasis, geohelminths, anemia and malnutrition in the context of a demographic surveillance system in northern Angola**”, conduzido por investigadores lusófonos (sobretudo angolanos e portugueses), que resultou do trabalho desenvolvido pelo projeto CISA (Centro de Investigação em Saúde de Angola). Este foi o primeiro artigo científico do projeto CISA, que envolve o Governo angolano (Ministério da Saúde e Governo da Província do Bengo), o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento e a Fundação Calouste Gulbenkian. O objetivo do estudo, realizado em 2010, foi determinar os níveis de prevalência de malária, shistosomíase (urinária e intestinal), geohelmintíases, desnutrição e anemia, bem como as variáveis associadas a estas doenças em crianças dos seis meses aos 15 anos e nas suas mães (ou responsáveis), no município do Dande, em Angola.

Incidindo sobre uma amostra de mais de 3000 indivíduos (aproximadamente mil mulheres e mais de duas mil crianças), selecionados no âmbito do Sistema de Vigilância Demográfica do Dande, criado em 2009 pelo projeto CISA, este inquérito é um dos poucos estudos abrangentes realizados em Angola nas últimas décadas sobre a epidemiologia destas doenças, envolvendo uma população desta dimensão. Concluiu-se que a malária, a shistosomíase urinária e as geohelmintíases são endémicas na população estudada e que, mesmo que os níveis de prevalência não sejam tão elevados como os documentados para muitas áreas endémicas da África subsariana, o seu impacto é sentido pelas comunidades estudadas, com níveis de anemia e de desnu-

trição significativamente associados a muitas das infeções investigadas. Na população estudada, a prevalência da malária, com infeção por *Plasmodium spp.*, foi de 18,4 por cento, para as crianças com menos de cinco anos, de 18,2 por cento para as crianças em idade escolar (dos cinco aos 15 anos) e de 9,6 por cento para as mães. O inquérito nacional de malária de 2011 reportou uma prevalência de 10,1 por cento em crianças menores de cinco anos.

A prevalência de shistosomíase urinária em crianças em idade escolar foi de 16,6 por cento e nas mães de 21,7 por cento, valores de prevalência globais inferiores à média nacional (28 por cento num inquérito nacional realizado em 2005). No caso das parasitoses intestinais (geohelmintíases) estas são frequentes, sendo mais prevalente entre as crianças em idade escolar, nas quais, atingindo um valor de 22 por cento é, contudo, inferior à média nacional (40 por cento, em 2005).

As informações recolhidas servirão para fornecer dados mais concretos sobre os níveis de prevalência destas infeções e, conseqüentemente, influenciar as políticas públicas de prevenção e controlo destas doenças. Para o CISA, estes resultados permitirão fundamentar estudos de intervenção que contribuam para a resolução destes problemas.

O projeto CISA nasceu em finais de 2007 no município do Dande, 60 quilómetros a norte de Luanda, e tem realizado vários trabalhos no domínio da pesquisa biomédica e formação em Ciências da Saúde. O CISA tem ainda apoiado a melhoria de cuidados de saúde, estando prevista para o corrente ano a sua criação como figura jurídica de direito público angolano. ■ www.cisacaxito.org



Dia Aberto

Instituto Gulbenkian de Ciência

Os 50 anos do IGC são o mote para o Dia Aberto marcado para **2 de junho**, entre as 10h e as 17h. Mais do que transmitir factos e conceitos científicos, as edições anteriores envolveram o público nas várias facetas da investigação científica: no ambiente humano e tecnológico de quem trabalha num instituto de investigação científica, no que motiva os cientistas, nas suas descobertas e no impacto que têm na sociedade. Em 2012, existem ainda mais motivos para esta partilha e envolvência do público com o trabalho do IGC já que o Instituto festeja o seu 50.º aniversário. De entrada livre para crianças e adultos, visitantes individuais ou corporativos, os cientistas guiarão os visitantes numa

viagem pelo dia a dia da investigação no IGC, de uma forma acessível e divertida, com muitas oportunidades para fazer perguntas, debater ideias e dar sugestões. Haverá visitas a laboratórios, experiências que fazem pensar, debates e conversas. Nesta edição, os visitantes vão poder vaticinar sobre o futuro do IGC, através de palavras ou imagens inscritas numa tela gigante que descreverão como imaginam o IGC daqui a 50 anos.

Esta iniciativa conta com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras e de várias empresas fornecedoras do IGC. ■

Mais informações em www.diaaberto12.wordpress.com



Arte urbana

O IGC, em parceria com a Associação Diálogo e Acção, deu nova vida a um dos muros do instituto, recorrendo à pintura com *graffiti*. No espaço podem ver-se objetos e curiosidades do dia a dia de um investigador no laboratório. Os pormenores e o ar jovem do cientista traduzem, na opinião do grafiteiro, aquilo que conheceu em duas visitas que fez ao IGC. ■

Um curso laboratorial para professores

Destinado a professores de Ciências do ensino secundário, o *workshop Inspirar Ciência 2012*, organizado pelo IGC de **3 a 6 de julho**, abordará o tema do ciclo celular – inserido nos programas curriculares e uma das áreas de investigação de maior impacto na saúde humana. Durante quatro dias, 16 professores de todo o país terão oportunidade de trabalhar lado a lado com cientistas de um dos melhores centros de investigação da Europa, apreendendo e discutindo algumas das mais recentes descobertas, recapitulando o processo científico e familiarizando-se com algumas das técnicas mais recentes no estudo do processo de divisão das células. Com uma forte componente laboratorial, o *workshop* pretende ajudar a desenvolver atividades práticas transponíveis para a sala de aula. No sentido de promover o espírito crítico e uma cidadania ativa, por parte de professores e alunos, serão debatidas as implicações na sociedade do estudo do ciclo celular (nomeadamente no cancro e outras doenças do envelhecimento).

Estão abertas inscrições até 25 de maio através de www.igc.gulbenkian.pt ou inspirarciencia@igc.gulbenkian.pt. ■

Sunny Murray abre Jazz em Agosto



O jazz volta ao Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian de **3 a 12 de agosto**. Nesta que será a 29.^a edição do festival, grandes nomes do jazz marcarão presença nos seis concertos agendados para o Anfiteatro, mas também no palco do Teatro do Bairro que apresentará três espetáculos no espírito dos clubes de jazz. O programa inclui ainda, na Fundação Gulbenkian, a exibição de filmes documentais (às 18h30, antes do início dos concertos) e uma conferência de encerramento com o crítico de jazz Brian Morton, sob o mote *Jazz Criticism: An Open Verdict*.

A um ano de completar o seu trigésimo aniversário, o Jazz em Agosto continua a distinguir-se dos restantes festivais pela sua vertente experimentalista e inovadora, contando com artistas consagrados, da mesma forma que aposta em novos nomes que desafiam as fronteiras deste tipo de música. A abrir a 29.^a edição estará o histórico baterista Sunny Murray, o primeiro baterista de free jazz. Acompanhado pelos igualmente aclamados John Edwards, no contrabaixo, e Tony Bevan, no saxofone tenor, aquele que já tocou com Cecil Taylor e Albert Ayler irá certamente, não obstante os seus 75 anos, abrir o Jazz em Agosto com o espírito pioneiro e vanguardista que caracteriza a sua trajetória.

A programação desta edição prossegue com as atuações no Anfiteatro ao Ar Livre do jovem quinteto Led Bib, cuja

fusão de jazz com funk, metal e rock tem tomado de assalto as Ilhas Britânicas de onde os músicos são naturais; de Misha Mengelberg, ao piano, e Evan Parker, no saxofone tenor, reunidos seis anos depois da sua famosa atuação na Bimhuis de Amesterdão; do Matthew Ship Trio, liderado pelo pianista americano, nome cimeiro do jazz de vanguarda; do duo de improvisadores constituído pela pianista Marylin Crispell e pelo percussionista Gerry Hemingway, que desde os tempos do quarteto de Anthony Braxton coexiste musicalmente; e do Ingebrigt Håker-Flaten Chicago Sextet, no qual há um ano o contrabaixista e compositor norueguês toca com um grupo de músicos de Chicago, promovendo um encontro transatlântico de diferentes sensibilidades musicais.

Pelo segundo ano consecutivo, o Teatro do Bairro acolhe algumas das mais arrojadas e experimentais performances do festival sob a forma de três concertos, seguidos de atuações de DJ influenciados pelo jazz. Assim, aos concertos do violinista Carlos Zíngaro e do percussionista Pedro Carneiro, vencedor do Prémio Gulbenkian Arte em 2011, do britânico trioVD e do trio Das Kapital, inspirado por Hanns Eisler, seguir-se-ão as performances de vários DJ's. ■

Programa em www.musica.gulbenkian.pt

Um estudo sobre a imigração na Europa

No dia 25 de maio decorrerá, no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian, a apresentação nacional dos resultados do Projeto Europeu *Immigrant Citizens Survey*. Este estudo, que analisa e compara as opiniões de imigrantes de sete países da União Europeia relativamente às políticas de integração, teve na Fundação Gulbenkian e no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural os seus parceiros portugueses. Os seus promotores são a King Baudouin Foundation e o Migration Policy Group.

A sessão, que é de entrada livre, será aberta por Feliciano Barreiras Duarte, secretário de Estado-adjunto do ministro-adjunto e dos Assuntos Parlamentares, e pela administradora da Fundação Calouste Gulbenkian Isabel Mota, e contemplará ainda o lançamento do livro *Os Imigrantes e a Imigração aos olhos dos Portugueses*. ■

Mérito para Emílio Rui Vilar

Para assinalar o Dia Mundial da Saúde, o ministro da Saúde distinguiu com medalhas de ouro por serviços distintos duas dezenas de personalidades e instituições portuguesas. Emílio Rui Vilar foi um dos agraciados na cerimónia que teve lugar no auditório do Infarmed, em Lisboa, e que distinguiu o Instituto Nacional de Emergência Médica, bem como o médico Linhares Furtado e a cientista Maria do Carmo Fonseca, entre outros. ■

Setor não lucrativo representa 4,3% do emprego em Portugal

O setor não lucrativo representa a oitava maior força de trabalho do país, com 185 mil trabalhadores, colocando Portugal em 9.º lugar num universo de 15 países. Estas são algumas das conclusões do relatório internacional *Portugal's Non Profit Sector in a Comparative Context*, apresentado no mês passado. As principais conclusões do estudo reforçam que o setor contribui com 2,7 mil milhões de euros para o valor acrescentado bruto (VAB) e tem uma dimensão “substancial” em termos de emprego, mas inferior na contribuição para o PIB nacional, algo que pode ser justificado com os níveis salariais praticados. Quando comparado com outros países, Portugal tem um setor “muito grande”, dado o elevado número de organizações de cariz social, sendo que mais de metade (52%) dos portugueses empregados no setor trabalha na área da assistência social. Este trabalho, desenvolvido pelo Center for Civil Society Studies da Johns Hopkins University, em colaboração com o Instituto Nacional de Estatística, resulta de uma parceria entre as fundações Gulbenkian, Luso-Americana e Aga Khan. ■

Paz através da justiça social

O Centro Europeu de Fundações (EFC) vai reunir-se de 6 a 8 de junho, em Belfast, para a sua 23.ª Assembleia Geral Anual. O tema central para o encontro será “A paz através da justiça social. Que papel para as fundações?” O local escolhido não é fruto do acaso: a capital da Irlanda do Norte, depois de viver mergulhada num conflito violento que durou 30 anos, apresenta-se agora como um destino vibrante e apelativo. É convicção do EFC que a experiência do povo da Irlanda do Norte, que conseguiu resolver as suas diferenças, trará um contributo inestimável e servirá como exemplo para o que se pretende ser uma plataforma de exploração de questões ligadas à paz e à justiça social, que várias regiões por todo o mundo enfrentam atualmente. Os participantes no encontro terão também a oportunidade de discutir qual o papel que as fundações têm desempenhado neste processo.

Em Belfast, o presidente cessante da Fundação Gulbenkian, Emílio Rui Vilar, assumirá o cargo de presidente do Nomination Committee, enquanto Artur Santos Silva integrará o Governing Council como novo presidente da Fundação Gulbenkian. ■



*Eduardo Guerra | 25 anos | Belas Artes**

O Brasil foi uma enorme revelação

QUAL FOI O SEU TRAJETO ATÉ SE CANDIDATAR A ESTA RESIDÊNCIA?

Curiosamente, iniciei o meu percurso com uma residência. Em 2007, o meu professor, Alexandre Estrela, propôs o meu nome à galeria ZDB (Zé dos Bois), em Lisboa, para participar no seu programa de residências. Até aí, já tinha feito algumas exposições enquanto estudava em Belas Artes. De uma forma não programática, fui percebendo que compreendia e que fazia sentido, no meu trabalho, a produção em residência, fundamentalmente por passar a conceber cada projeto como uma reação a um novo

meio ambiente sobre o qual tenho inevitavelmente de me posicionar. Essa “imprevisibilidade previsível” funciona como um enorme estímulo para mim, confesso.

Entretanto, em 2010, fiz uma segunda residência em Budapeste, ao abrigo do programa de intercâmbio organizado pela Câmara Municipal de Lisboa. Mais uma vez, sem dimensão programática, dei por mim neste caminho, agora noutra país. No ano anterior, tinha estado a estudar durante seis meses em Londres. A meu ver, a produção em residência é também uma marca geracional. Para mim, não faz muito sentido participar numa cena artística sem

um diálogo maior, entre países, ou melhor, entre pessoas de diferentes nacionalidades e contextos. Este diálogo torna-nos mais lúcidos, mais conscientes.

O MESTRADO EM FILOSOFIA TORNOU O SEU TRABALHO ARTÍSTICO MAIS REFLEXIVO?

Não sei bem. Penso que ajudou apenas a identificar um conjunto de ideias e de estratégias de compreensão dessas ideias ao longo da história, sobretudo da modernidade. E, desse modo, fez com que eu passasse a ver o dia-a-dia sob essa perspectiva: a de que a todo o momento existe um conjunto de crenças e motivações para a forma como construímos a nossa vida em sociedade. Estas manifestam-se de um modo eminentemente estético, na forma como nos vestimos ou falamos. O meu trabalho passaria a ser o fazer perguntas sobre essas mesmas crenças e motivações. Ao mesmo tempo tornou-me um pouco cético em relação à voracidade da produção e consumo de teoria de arte. Existe muito *pastiche*. Não sou contra, apenas me motiva menos. Inevitavelmente, sinto que o meu trabalho reflete esta mudança. Trata-se agora de encontrar perguntas e formas de fazer essas perguntas. Vejo-me mais como um artista propositivo, se é que tal coisa existe.

DE QUE MODO FOI IMPORTANTE PARA SI ESTA RESIDÊNCIA NO BRASIL?

O Brasil foi uma enorme revelação. Sinto que nasci claramente já dentro de uma ideia e de uma promoção da ideia de uma Europa unificada. Com as viagens que fui fazendo, fui levantando a suspeita em relação a esta unificação e sobretudo em relação aos sinais desta unificação. Fui tentando perceber as afinidades e diferenças entre culturas e as relações entre estas afinidades e diferenças, isso é viajar, não é?

O Brasil acentuou enormemente esta atenção. Acho que descobri coisas sobre Portugal que nem sequer em Portugal existem; uma memória, uma representação cultural, que mais ninguém pode contar, talvez quem esteve em África.

Mas mais ainda, tive a experiência de uma língua igual à minha, o que é estranhíssimo, porque é como estar num lugar absolutamente diferente, mas com uma enorme familiaridade. É muito estranho e especial ao mesmo tempo. Tenho mais que ver com o Brasil do que com a Alemanha, neste sentido.

QUAL FOI O PROJETO FINAL QUE APRESENTOU NA RESIDÊNCIA?

Acabei por rodar um novo filme no Brasil, que estou a terminar agora. O filme apresenta um monólogo lido no topo da floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, com a colaboração de Gustavo Ciriaco, *performer* brasileiro. O texto é construído a partir de um diálogo de Platão, *Alcíbiades*.

O monólogo trata o tema da emancipação no contexto da juventude, ou melhor, no momento da passagem de jovem a adulto.

Este filme em 16mm constitui uma novidade para mim, é a primeira vez que trabalho com som ótico e isso influenciou muito a estrutura e conceptualização deste trabalho. O resultado é um monólogo lido por um ator onde se confunde a voz *off* com a voz direta. Não falo de um sentido onírico da narrativa, mas antes de um jogo dialético a uma voz, em que consciência e ação alternam.

COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE VIVER UNS MESES NO RIO E EM SÃO PAULO?

Foram quatro meses e meio muito intensos. São duas cidades muito diferentes e com formas de vida muito



Floresta de Tijuca, Rio de Janeiro

distintas. Apesar de ser muito interessante viver alguns meses noutra cidade, produzindo e reagindo a um ambiente diferente, o que mais me interessa é a capacidade desta experiência para criar um novo diálogo. Ou seja, não basta uma deslocação, este primeiro movimento deveria ser só o princípio de uma relação continuada. E vai ser, creio. ■

**Bolsheiro da Fundação Gulbenkian na residência artística Capacete, no Rio de Janeiro e em São Paulo*



Fazer a diferença

Por Frederico Duarte | Crítico de *design* e coordenador do Observatório de África e da América Latina/Próximo Futuro

“**A**venturem-se fora dessa fábrica de papel que é o circuito de conferências e do cobertor de segurança ‘revisto por pares’, académicos do *design*! O debate diário sobre *design* precisa das vossas vozes. Vocês podem fazer a diferença.” É com este apelo que o ensaísta e crítico de *design* britânico Rick Poynor termina o texto *The Closed Shop of Design Academia*, uma reflexão sobre o *design*, a esfera pública das ideias e a academia publicada no blog Design Observer há poucas semanas. Poynor, que há mais de 20 anos escreve e edita publicações (não académicas) sobre *design*, arte e cultura visual, começa por descrever a experiência recente e “ultraimpessoal” de ser revisor numa publicação *peer-reviewed*, para depois lamentar que a pesquisa e a sabedoria coligidas em manuais e compêndios de ensaios e *papers* sobre *design* sejam apenas partilhadas por professores, investigadores e alunos que frequentem cursos superiores, se sentem nas bibliotecas universitárias que disponibilizam estas e outras publicações académicas, ou que paguem para falar e/ou assistir a congressos e conferências organizadas por e para os seus pares. A institucionalização da produção e transmissão de conhecimento pela academia não é, e Poynor admite-o, um fenómeno exclusivo do *design*. Contudo, a progressiva formalização do ensino universitário do *design* – que em Portugal tem menos de 40 anos – em faculdades, ciclos, graus e centros de estudos, e conseqüente espartilhamento por tratados europeus e orgânicas nacionais de financiamento, levou à criação de uma espécie rara: o académico de *design*. O que Poynor lamenta, e eu também, é que os muitos licenciados, alguns mestres e ainda pouquíssimos doutores em *design* não tenham ainda conseguido levantar-se das suas cátedras e influenciar o discurso quotidiano sobre *design*, nem tão-pouco agir na esfera pública. Enquanto falham em fazê-lo, o *design* continua a ser tido e discutido, no mundo real, como pouco mais do que uma atividade geradora de devaneios formais (ou exercícios de estilo), fama pessoal (sem medir o proveito), boas intenções sociais e ambientais (sem avaliar os resultados) ou listas de compras (sem olhar para o preço). Não admira que no debate e discurso públicos sobre *design* a lógica simplista do marketing venha ganhando terreno ao rigor, e à participação ativa na sociedade, que deveríamos exigir da academia. Foi precisamente essa exigência, e essa urgência, que levou à criação do Observatório de África e da América Latina do Programa Gulbenkian Próximo Futuro. A sua segunda apresentação, que terá lugar no dia **12 de maio**, promoverá um encontro e debate público de ideias entre profissionais e estudiosos de diversas áreas do *design*, instituições e nacionalidades. Discutiremos o lugar do *design* no Norte de África, uma região hoje sob um redesenho profundo, num ambiente tão informal quanto intelectualmente estimulante, onde as provocações e comentários são bem-vindos e a entrada é livre. Juntos, tentaremos fazer a diferença que nos é reclamada. ■



Dois Estudos de Cor para Homenagem ao Quadrado, s.d.
© Joseph Albers Museum Quadrat/Bottrop, Walter Hampp

em maio

Josef Albers e Antoni Muntadas no CAM

Josef Albers na América. Pintura sobre papel é a primeira exposição do artista norte-americano em Portugal e pode ser vista a partir de 18 de maio no Centro de Arte Moderna. A exposição de Albers vem de França, do Centro Pompidou, onde já é considerada uma das melhores do ano.

*Outro nome fundamental da arte do século XX é o do catalão Antoni Muntadas que apresenta **Entre/Between** a partir de 1 de junho. A exposição esteve até final de março no Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid.*

*O CAM apresenta ainda, em diálogo com a exposição de Josef Albers, a mostra **Roubar com os olhos**, com obras da coleção do CAM, e, em diálogo com a exposição de Antoni Muntadas, **Entre Espaços**, que reúne igualmente trabalhos da coleção, produzidos entre finais da década de 1960 e 2011.*

*Será também apresentada a primeira exposição de Jorge Varanda, após a sua morte – **Pequeno-almoço sobre cartolina**.*



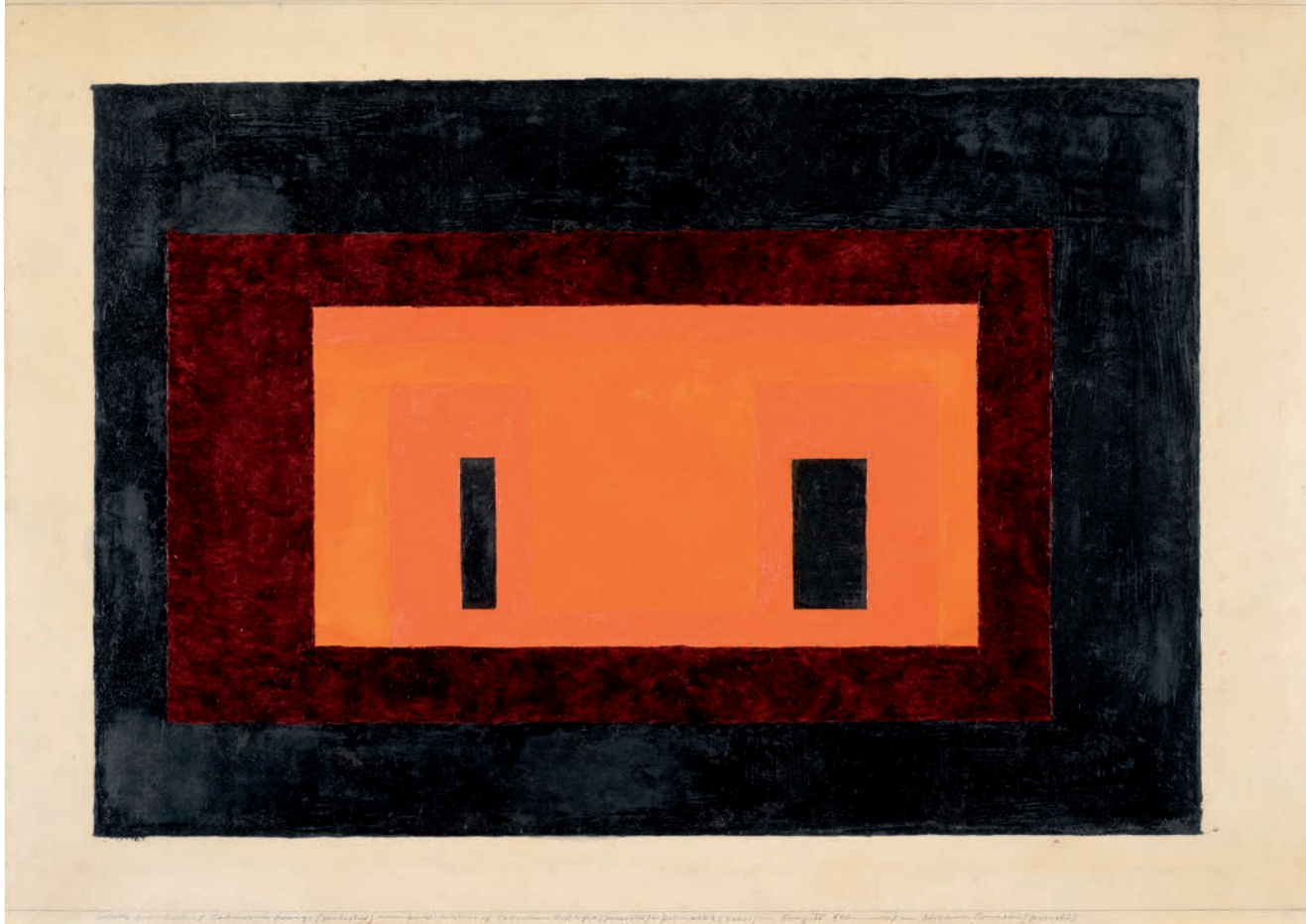
Josef Albers, c. 1950

Josef Albers na América Pintura sobre papel

De 18 de maio a 1 de julho, o CAM apresenta a que foi considerada pela revista *Beaux Arts*, em antevisão, uma das melhores exposições do ano apresentadas em França. Antes de seguir para Nova Iorque, para a Morgan Library & Museum, **Josef Albers na América** mostra o trabalho do artista a partir do campo da investigação experimental, em cerca de 80 estudos a óleo sobre papel, pouco conhecidos mesmo entre os apreciadores da sua obra.

Estes trabalhos, em exposição apenas durante um mês e meio, exibem inúmeras anotações feitas pelo artista, revelando o seu ato de pintar e o modo como aplicava a sua filosofia da cor. Cada uma das obras apresentadas, quer seja uma simples prova de cor, quer ofereça uma solução plástica praticamente concluída, contribui para ampliar a nossa compreensão de um dos *leitmotive* da sua pesquisa teórica: os efeitos do binómio cor/espaço na pintura.

Artista americano nascido na Alemanha, Josef Albers (1888-1976) tornou-se célebre com a série *Homenagens ao Quadrado* (*Homages to the Square*), que pintou entre 1950 e 1976, e com a publicação, em 1963, do ensaio *The Interaction of Color*, que marcou a reflexão sobre a arte do século XX. A sua reputação de professor ficou bem patente na Bauhaus, em 1925, no Black College Mountain, Carolina do Norte, a partir de 1933, e finalmente na Universidade de Yale, entre 1950 e 1958.



Variant / Adobe, c. 1947
© Josef Albers Museum Quadrat Bottrop, Walter Hannappel

O pensamento plástico de Albers deixou marcas profundas em várias correntes da arte norte-americana, nomeadamente na arte Op, na arte minimal, na pintura *hard edge* e, de uma forma geral, em toda a arte conceptual.

A exposição foi organizada pela Staatliche Graphische Sammlung de Munique e pelo Josef Albers Museum Quadrat Bottrop, Alemanha, em estreita colaboração com a The Josef

and Anni Albers Foundation, nos Estados Unidos. Os curadores são Heinz Liesbrock (Josef Albers Museum Quadrat Bottrop) e Michael Semff (Staatliche Graphische Sammlung München). No dia da inauguração, **18 de Maio, às 18h**, realiza-se uma mesa redonda com a participação dos curadores e de Nicholas Fox Weber, diretor da The Josef and Anni Albers Foundation. ■



Artur Rosa, Homenagem a Josef Albers, 1972

Roubar com os olhos a coleção do CAM em relação com Josef Albers

Paralelamente, será exposto um conjunto de obras do acervo do CAM que se relaciona com as pesquisas formais e cromáticas de Josef Albers quando, já nos Estados Unidos da América, onde chega em 1933, se dedica ao seu célebre estudo *Homenagens ao Quadrado*. Apesar de não ter sido influência direta e reconhecida nos artistas selecionados para esta mostra – com a exceção de Artur Rosa –, podem estabelecer-se vários paralelismos, com destaque para os abstracionistas britânicos dos inícios de 60 representados na coleção, profundamente motivados pela abstração norte-americana, muito divulgada em Londres nessa década. A mostra tem curadoria de Ana Vasconcelos e pode ser vista de **18 de maio a 1 de julho**. ■



Antoni Muntadas Entre/Between

A 1 de junho, o CAM inaugura uma retrospectiva do artista catalão Antoni Muntadas, um dos pioneiros na reflexão sobre arte e *media*, vencedor do Prémio Velázquez de Artes Plásticas 2009.

Produzida pelo Museu Centro de Arte Reina Sofia em Madrid, **Entre/Between** tem como comissária Daina Augaitis, curadora principal da Vancouver Art Gallery, e organiza-se em torno de temas como o espaço dos *media*, as esferas de poder, a construção do medo, os terrenos urbanos, os espaços do espetáculo, os territórios de tradução, o arquivo e os sistemas de arte.

Nascido em Barcelona, Muntadas estabeleceu-se em Nova Iorque em 1971 e, desde então, mantém ateliês em ambas as cidades, criando projetos, realizando exposições e dando aulas em várias cidades do mundo. Interessado pelos movimentos e mudanças imprevistos do mundo, tem sido capaz de mostrar as semelhanças de uma cultura cada vez mais global. Incansável viajante, em permanente trânsito nos espaços das partidas e chegadas (os chamados “não-lugares”, na terminologia do antropólogo Marc Augé), Muntadas tem-se referido com frequência à condição de estar “entre”



Arte Vida, 1974

como ponto de partida para o seu trabalho e que pode ser caracterizado como um território ambíguo, situado à margem de lugares ou destinos específicos.

A prática artística de Muntadas pode ser comparada a uma espécie de estudo de campo, em que o artista recorre a metodologias das ciências sociais, estudando sensações, gestos, memórias, percepções, interações e representações através da observação de indivíduos, lugares, acontecimentos e objetos. Foi um dos primeiros artistas a interessar-se pela *media art*, em plena década de 70. De entre os seus múltiplos projetos, destaca-se a dissecação de símbolos, imagens, créditos e *slogans* dos meios de comunicação. Interveio em ações quase clandestinas e de pequeno formato, bem como em grandes projetos-manifestos que, de forma audaz, situavam na esfera pública os temas fundamentais da época.

Entre estes manifestos encontra-se, em particular, a sua proclamação de que a arte e a vida estão inextricavelmente ligadas – “Arte ↔ Vida” –, uma convicção subjacente a toda a sua obra, bem como às suas ações quotidianas, que se reflete na declaração: “Trabalho onde vivo e vivo onde trabalho.”

O projeto de Muntadas pretende precisamente considerar as nuances, os valores e as forças dos signos culturais, uma investigação que é vital para decifrar e participar no mundo híbrido de hoje. Denuncia as hierarquias do mundo da arte,

numa reflexão sobre a institucionalização dos museus e a política e o negócio da arte, desconstruindo os recursos que se utilizam tradicionalmente para enquadrar e expor. A mostra pode ser vista de **1 de Junho a 2 de Setembro**, no CAM, seguindo para o Jeu de Paume, em Paris. ■

Entre Espaços

Coleção do CAM 1968-2011

Em diálogo com a exposição de Muntadas, **Entre Espaços** reúne mais de duas dezenas de obras da coleção do CAM, produzidas entre finais da década de 1960 e 2011. Apresenta trabalhos de escultura, fotografia, instalação, pintura e vídeo que sugerem a presença de um espaço indeterminado ou indefinido – entre linhas, planos, margens, corpos, territórios –, espaços que deixam em aberto ações, acontecimentos, narrativas, afirmando-se como espaços de possibilidade ou de potenciais encontros.

Com curadoria de Isabel Carlos, Patrícia Rosas e Rita Fabiana, a mostra pode ser vista de **1 de junho a 2 de setembro**. ■

Jorge Varanda

Pequeno-almoço sobre cartolina

A partir de **18 de maio**, a Sala de Exposições Temporárias e a Sala Polivalente do CAM mostram a primeira exposição póstuma de Jorge Varanda (1953-2008), artista com um percurso marginal que se dividiu entre a pintura, a ilustração, as artes gráficas, a produção de diaporamas, a intervenção em arquitetura e a realização de filmes e banda desenhada.

O título da mostra remete para uma folha de cartolina, onde o artista desenhou o contorno de alguns objetos e escreveu palavras como “local da bandeja”, “pão” e “controlo remoto”, que sugerem uma refeição matinal em frente de uma televisão.

É esse horizonte próximo da produção de uma série de cartolinas de formato regular (100x70 cm), pintadas ao longo dos anos 80 e que estarão expostas, que constitui o mais relevante desenvolvimento na pintura de suporte bidimensional de Jorge Varanda.

O título *Pequeno-almoço sobre cartolina* refere-se a uma ideia de domesticidade, necessária à compreensão do conjunto da obra deste autor. A estranheza do comportamento

dos outros é um dos temas oferecidos pelas imagens e narrativas fabricadas a partir de um lugar de conforto que é a casa, cuja moldura é justamente a janela, objeto simbólico da separação entre interior e exterior. A adversidade da vivência da cidade acontece numa relação inversa à comodidade experimentada em casa. A casa abre-se à rua e para um mundo atravessado por pessoas anónimas, peões ou marionetas.

Para além das cartolinas, esta mesma atmosfera é transmitida por outras obras, sobretudo pelas madeiras recortadas e justapostas, pelas caixas que são interiores de pequenos teatros ou exteriores de prédios de grandes cidades, ou por biombos e outros dispositivos articulados.

O trabalho de Varanda reenvia para uma urbanidade fracassada e apodrecida, da qual também participa e pela qual se encontra inequivocamente intoxicado.

É a *des-humanidade* que lhe terá sido, afinal, servida a quente na bandeja do pequeno-almoço.

Lígia Afonso é a curadora desta exposição que pode ser vista até **2 de setembro** no CAM. ■

Próximo Futuro / Next Future

LEFTIST

O *design* e a moda no Norte de África

12 MAIO, 9H30, AUDITÓRIO 3

No dia 12, sábado, o Observatório de África e da América Latina, uma das muitas iniciativas do Programa Gulbenkian Próximo Futuro, volta a reunir-se no Auditório 3 da Fundação, desta vez para discutir o lugar do *design* e da moda no Norte de África. No encontro estarão presentes vários profissionais e investigadores, portugueses e estrangeiros, de diversas áreas do *design* (ver secção “Um outro olhar”).

O Observatório começa às 9h30 com a apresentação de Mirian Tavares, do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (Faro), sobre a obra fotográfica da marroquina Majida Khattari, que, aliás, participou na exposição coletiva *Fronteiras – Encontros de Fotografia de Bamako*, trazida a Lisboa pela Fundação Gulbenkian em 2011. A investigadora irá falar sobre o trabalho de reflexão desta artista sobre o papel do véu no universo muçulmano e no imaginário ocidental. Durante a manhã haverá ainda duas outras sessões, moderadas por Frederico Duarte: Sandra Muendane, do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (ISEG-Lisboa), fará um retrato da funcionalidade de pequenos ateliês de moda no continente africano, enquanto Susanne Kümper, de Berlim, falará, mais especificamente, sobre as dimensões do *design* contemporâneo de moda no Cairo.

À tarde, o Observatório reúne-se novamente, a partir das 14h30, para ouvir Omar Nagati, do Cairo, sobre as novas formas de intervenção no espaço público da capital egípcia. António Pinto Ribeiro modera o debate. Segue-se Nuno Coelho, da Universidade de Coimbra, que vai trazer à discussão a perspetiva semiótica da “Primavera Árabe” na Tunísia.



A apresentação que encerra esta jornada será dedicada ao Projeto Al-Kafiye, trazido por Tarek Atrissi, da Fundação Kaflab (Beirute/Nova Iorque). O objetivo deste projeto é aplicar o pensamento sobre *design* à identidade árabe, a partir do *kafiye*, o lenço tradicional de cabeça para homens que se tornou no símbolo mais poderoso do mundo árabe contemporâneo. Nesta apresentação será revelado um projeto ambicioso do Kaflab, que inclui um *website*, um evento, uma exposição e um livro.

Todas as sessões do Observatório são de entrada livre e haverá tradução simultânea. ■

Verão árabe

Em junho e julho, o Próximo Futuro regressa com a sua programação de verão, com destaque para a Festa da Literatura e do Pensamento do Norte de África, onde não faltarão os *bloggers* tunisinos e egípcios que assumiram maior protagonismo no desenrolar da “Primavera Árabe”. Ao longo de três dias, esta Festa vai contar com várias conferências e mesas-redondas onde se falará também do estado das artes e do papel das mulheres nos países do Norte de África. Mas há mais: novas criações teatrais do Chile e do Brasil, um ciclo de cinema ao ar livre com noites temáticas, muita música e instalações no Jardim. Na Fundação Gulbenkian, a partir de **22 de junho**.

Segurança alimentar: garantia para o desenvolvimento

17 MAIO, 18H, AUDITÓRIO 2

O presidente da Action contre la Faim e diretor-geral da Fundação Mérieux, Benoît Miribel, é o orador convidado para a conferência *Segurança alimentar: garantia para o desenvolvimento*, que terá lugar a **17 de maio**, no Auditório 2 da Fundação.

Diretor-geral da Fundação Mérieux desde 2007, Benoît Miribel é também, desde 2010, presidente da Action contre la Faim, uma organização não governamental internacional que tem por missão acabar com as carências alimentares de que tantas crianças sofrem, operando atualmente em mais de 40 países por todo o globo. Esta ONG, criada por médicos franceses em 1979, tem como objetivo principal a erradicação

da fome no mundo e atua em situações de emergência, mas também através de programas que facilitem a autonomia dos países em que intervém. Por seu lado, a Fundação Mérieux, criada para fazer face a problemas de saúde pública, existe desde 1967 e tem vindo a especializar-se no combate a doenças infecciosas em países em desenvolvimento.

Desta conferência, a terceira do ciclo O Futuro da Alimentação, espera-se que contribua com mais ideias e possíveis soluções para esta problemática, que é transversal ao ambiente, à saúde e à economia, numa altura em que 33 milhões de europeus podem estar em risco de carência alimentar. ■

Como rodopia um pião, e porquê

16 MAIO, 18H, AUDITÓRIO 2



Imagem do filme *Inception*

Na sua biografia, Eduardo Marques de Sá, professor e investigador em Matemática na Universidade de Coimbra há mais de três décadas, declara-se praticante de dois “vícios”: a divulgação da matemática e a sua didática básica. São estes hábitos mais do que saudáveis que o levam a proferir palestras com temas apelativos, como a que intitulou *Euler, Roberto Carlos e o golo-maravilha*, em que procurou explicar o fenómeno que levou o jogador brasileiro a marcar um golo memorável num jogo contra a seleção francesa, em 1997.

No ciclo de conferências Matemática: a Ciência da Natureza, o também cofundador da Escola Delfos vai estar na Fundação para falar sobre os motivos que levam um pião a rodopiar. “O pião será a semente divertida com a qual

procuraremos dizer algo do que se passou nos dois séculos que sobrevieram à publicação dos *Principia Mathematica*, de Isaac Newton”, antecipa o investigador de geometria, álgebra e combinatória. “Não foi certamente o pião que motivou Leonard Euler a deduzir, dos princípios naturais de Newton, as equações que universalmente regem o movimento dos corpos sólidos. Não foi um pião de brincar, mas foram outros, bem maiores, como aquele em que vivemos e outros que rodopiam no céu à nossa volta”, acrescenta.

Como rodopia um pião, e porquê é uma conferência a não perder, tal como a que se segue neste ciclo, no dia 6 de junho, em que Homer Simpson será convocado para provar que uma iniciação à Teoria Matemática do Caos está ao alcance de todos. ■



A Hora de **Maurice Ravel**

Depois do outono russo e da primavera Wagner, a Gulbenkian Música dedica o seu final de programação a um dos maiores orquestradores do século XX: Maurice Ravel. Algumas das suas melhores obras serão tocadas pela Orquestra Gulbenkian dirigidas por Lawrence Foster, em cinco concertos (**24 e 25, 26 e 31 de maio e 1 de junho**), incluindo

uma matiné de sábado integrada nos concertos para a família. A apresentação de uma versão encenada da ópera *A Hora Espanhola*, uma deliciosa comédia picante em um ato, mal recebida na época pelo excesso de ousadia e que há várias décadas não é apresentada em Portugal, será um dos momentos altos deste programa.

ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO

“Maurice Ravel era um mestre absoluto do impressionismo musical francês”, afirma Rui Vieira Nery, diretor do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura, “e a sua música uma extraordinária sucessão de coloridos sonoros, que não obedeciam às regras da harmonia tonal tradicional.” Uma desobediência naturalmente mal recebida na época, dominada pela tradição romântica académica francesa: “Ravel nunca conseguiu obter o principal prémio de composição promovido pelo Conservatório de Paris e Claude Debussy, o maior expoente deste movimento, chumbou na cadeira de Harmonia no mesmo Conservatório”, lembra Rui Nery. “Apesar de tudo, e ao contrário de Debussy, que fez uma rotura mais acentuada com as convenções vigentes, Maurice Ravel conseguiu fazer uma ponte entre tradição e inovação. Ou seja, ao mesmo tempo que se afirmou como um compositor modernista e de vanguarda, conseguiu manter uma capacidade de diálogo com o público, sem passar por uma fase de rejeição, comum nestes movimentos.”

O COMPOSITOR DOS COLORIDOS ORQUESTRAIS

Rui Vieira Nery destaca o “extraordinário orquestrador que trabalhava os coloridos orquestrais e os jogos de timbre de um modo único”. O exemplo mais expressivo é o grande exercício que faz com o famoso *Bolero*, em que a mesma melodia é repetida dezenas de vezes, “algo que poderia ser enfadonho, mas que é contrariado pela constante surpresa da orquestração, conseguindo retirar um efeito mágico dessa mesma repetição”. Outra característica importante que salienta é o modo como a grande variedade de influências e de referências estilísticas e culturais se fundem nesta obra singular. Para tal, lembra o gosto de Ravel por atmosferas musicais “exóticas”: africanas, árabes, japonesas, bem como pela música afro-americana que deu origem aos blues, influência reforçada pela presença do exército americano em Paris, na Primeira Guerra Mundial, com as suas bandas militares de jazz.

A HORA ESPANHOLA - UMA OBRA DE GÊNIO

A influência espanhola é também muito marcante na sua música, de modo a justificar um concerto totalmente dedicado a obras que mergulham nesta tradição (**31 de maio e 1 de junho**). “Ravel conhecia muito bem a cultura espanhola”, nota Rui Nery. “A sua mãe era basca, e em França havia tradicionalmente um grande fascínio por essa cultura, em que os intelectuais franceses viam um misto de fanatismo religioso com uma sensualidade ao rubro e com elementos de barbárie, como as touradas ou os duelos, tudo isto associado, musicalmente, a ritmos de dança muito marcados.”



Lawrence Foster, maestro titular da Orquestra Gulbenkian

A Hora Espanhola, aqui apresentada, baseada numa peça de Franc Nohain, é a primeira das duas óperas de Ravel, estreada em 1911 na Opéra-Comique de Paris, sendo, segundo Rui Nery, do ponto de vista da escrita orquestral, “uma obra de génio, com um humor admirável, que recria o ambiente típico da comédia espanhola do século de ouro, ao mesmo tempo que troça das convenções do simbolismo poético e do próprio impressionismo musical”. É a história da mulher de um relojoeiro que costuma receber os seus amantes no dia da semana em que o marido sai de casa para acertar os relógios da cidade. A chegada de um almocreve justamente num desses dias, leva a mulher a imaginar estratégias para receber os seus dois amantes – um poeta (simbolista) e um homem rico da cidade – sem levantar suspeitas. Decide, então, colocar cada um dos amantes num grande relógio de sala (à vez), pedindo ao almocreve (um rapaz espadaúdo) para o transportar para o seu quarto. Rendida à força bruta do almocreve, a mulher do relojoeiro acaba por convidá-lo também a subir ao seu quarto (sem relógio, desta vez). O final é hilariante e fica o convite para o acompanhar nas récitas que serão apresentadas no Grande Auditório da Fundação. ■

Gulbenkian Música 12/13

No dia **28 de maio**, às **18h30**, será apresentada ao público, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, a nova temporada de música para 2012/2013. Tal como nos dois últimos anos, o diretor do Serviço de Música, Risto Nieminen, revelará a programação que este ano vai assinalar o quinquenário da Orquestra Gulbenkian e que, já neste dia, terá o merecido destaque com a atuação de músicos da Orquestra. A entrada é livre.



A Caneta que escreve e a que prescreve

Doença e Medicina na Literatura Portuguesa (antologia)

Organização: Clara Crabbé Rocha

“Coisas que fazem bem aos olhos”, de Pedro Hispano, filósofo e médico português que viria a ser nomeado Papa com o nome de João XXI, é o título pragmático do texto que abre a antologia **A Caneta que escreve e a que prescreve**, que por sua vez vai buscar o seu título ao *Diário* de Miguel Torga, outro dos autores incluídos nesta obra. O conjunto de textos literários sobre temas médicos aqui reunidos percorre um arco temporal que vai do século XIII até à atualidade e abrange praticamente todos os géneros literários (poesia lírica, romance, conto, teatro, autobiografia, diário), bem como os mais diversos modos ou registos, indo contudo muito para além da mera associação entre o exercício da Medicina e o da escrita.

“A condição humana, a origem e o termo da vida, a doença e a dor, o sofrimento físico e moral, a procura da plenitude e do equilíbrio e bem-estar, que se chama saúde, são, a par das profissões e dos locais do quotidiano clínico, temas que permanentemente atraíram e suscitaram a criação literária”, escreve Emílio Rui Vilar, no prefácio, onde também explica que a obra que agora se apresenta surgiu como “um feliz reflexo” da conferência de Clara Crabbé Rocha “Medicina e Literatura”, proferida no âmbito do Fórum Gulbenkian Saúde, em 2006, dedicado à *Medicina e outras artes*.

Entre mais de uma centena de autores, estão incluídos nesta antologia textos de Gil Vicente, Garcia de Orta, Luís de Camões, Sórora Maria do Céu, Bocage, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Cesário Verde, Manuel Laranjeira, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Soeiro Pereira Gomes, Manuel da Fonseca, Alves Redol, Fernando Namora, Jorge de Sena, Agustina Bessa-Luís, António Ramos Rosa, Manuel António Pina e Gonçalo M. Tavares.

Com a colaboração de Teresa Jorge Ferreira, Clara Crabbé Rocha propõe ao leitor uma seleção de textos literários sobre doença e Medicina, com excertos representativos das diferentes épocas da literatura portuguesa, dos seus autores e das suas obras mais relevantes, ou de obras especialmente dedicadas a temas médicos. “Na sua historicidade, mas também no todo orgânico que formam, estes textos mostram como a representação da doença, enquanto expressão ligada à própria vida, acompanhou a produção literária ao longo dos séculos e como a escrita, nas modulações do testemunho, do exemplo, do trabalho catártico ou do exercício (re)estruturante, configura e questiona a condição de desamparo e de fragilidade provocada pelo sofrimento físico ou anímico”, afirmam as organizadoras deste volume, onde se dá conta da permanência dos elos por vezes insuspeitados entre Literatura e Medicina. ■

Outras edições **Para um Espaço Público**
Le Corbusier e a tradição greco-latina na cidade moderna
 Marta Sequeira

Reedições **Manual de Investigação em Educação** (4ª edição revista)
 Bruce W. Tuckman

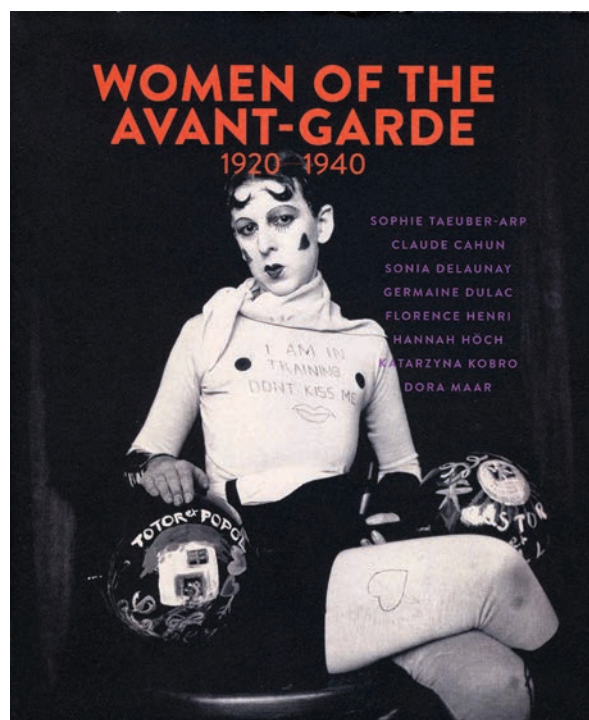
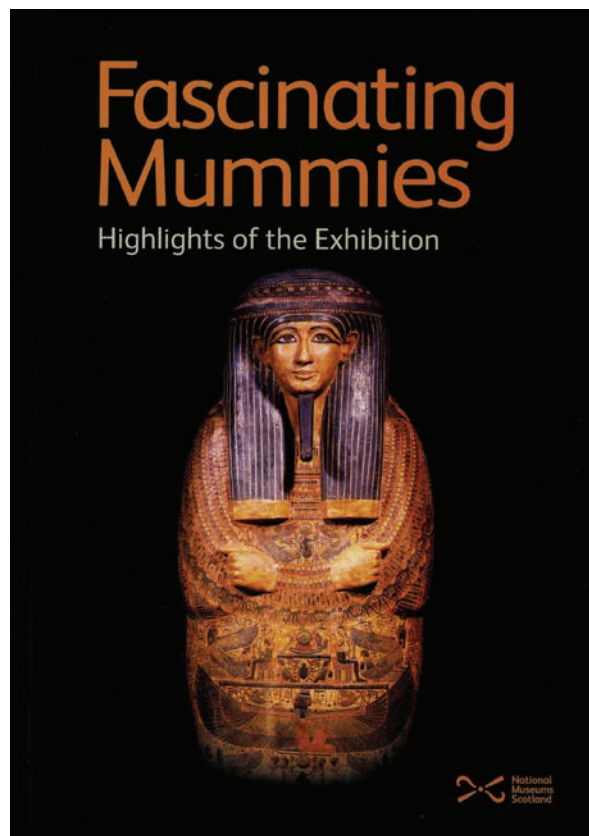
Plantas e Produtos Vegetais em Fitoterapia
 (4ª edição revista e atualizada)
 A. Proença da Cunha, Alda Pereira da Silva, Odete Rodrigues Roque

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

Fascínio é, talvez, um dos termos que melhor expressam a sensação mais comum dos visitantes da exposição *Fascinating Mummies* que o National Museum of Scotland (Edimburgo) apresenta até 27 de maio. Concebida em conjunto com o National Museum of Antiquities, de Leiden (Holanda), e o Musée de la Civilization (Quebeque), esta exposição é composta por alguns milhares de objetos materiais relacionados com as crenças, práticas e rituais da morte na antiga civilização egípcia, alguns datando de 4000 a.C., expostos num ambiente que tenta recriar o interior de um templo. Um dos núcleos é constituído por um conjunto de múmias que pertencem quer às coleções do museu escocês quer às do museu de Leiden e que incluem múmias de animais e múmias humanas, estas não só de ricos e altos dignitários, como também de artesãos. O catálogo que acompanha a exposição, embora não sendo muito extenso, é profusamente ilustrado e contém um glossário. ■

Women of the avant-garde 1920-1940 é o título da exposição que pode ser visitada até 28 de maio no museu dinamarquês Louisiana Museum of Modern Art, estreada com o nome *The other side of the moon* no Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen (Düsseldorf). É recente a inclusão das mulheres nas histórias da arte e esta exposição revela algumas que foram protagonistas das primeiras vanguardas do século XX: Sophie Taeuber-Arp (1889-1943), Claude Cahun (1894-1954), Sonia Delaunay (1885-1979), Germaine Dulac (1882-1942), Florence Henri (1893-1982), Hannah Höch (1889-1978), Katarzyna Kobro (1898-1951) e Dora Maar (1907-1997).

Mostram-se cerca de 200 obras onde se incluem pinturas, esculturas, fotografias, filmes, colagens e objetos de *design* que atravessam vários movimentos artísticos, como o Dadaísmo, o Construtivismo e o Surrealismo, que renovaram e redefiniram esteticamente a arte moderna e contemporânea e nos quais estas mulheres participaram ativamente, a par dos seus colegas e companheiros masculinos. O catálogo publicado (em inglês), para além de uma introdução da autoria de Mette Marcus e Kirsten Degel, curadoras do Louisiana Museum, e de um artigo intitulado "On wanting the moon: avant-garde women and ambition", escrito por Ruth Hemus (University of London), está dividido nos cinco temas que a exposição aborda e contém ainda oito biografias ilustradas de cada uma das artistas representadas. ■



Museu Calouste Gulbenkian

Barómetro-termómetro

Os instrumentos de medida e precisão foram peças muito procuradas no século XVIII, fruto dos avanços científicos da época, numa altura em que a confiança nas capacidades intelectuais do homem e o poder da razão adquiriram uma enorme importância. O rei e a corte não foram alheios a esta tendência, utilizando-os para decorar os seus salões e atribuindo-lhes, deste modo, também o estatuto de obra de arte.

O Barómetro-Termómetro aqui apresentado é da autoria de Claude-Siméon Passemant, um dos maiores inventores e construtores de instrumentos científicos da época. Passemant foi engenheiro do rei, com oficina no Louvre, durante o reinado de Luís XV. Foi também da sua oficina que saiu o Barómetro-Termómetro que pertenceu a Madame Du Barry, favorita do rei, que muito se assemelha ao aqui tratado, adquirido por esta a Simon Poirier, famoso comerciante de obras de arte. Ao que parece, terá sido o próprio Poirier, sempre atento às novidades da época e aos gostos da sua clientela, a incentivar o fabrico deste tipo de objeto. Os dois instrumentos, barómetro e termómetro, estão encastrados numa caixa de bronze cinzelado e dourado, decorado com fitas, flores, frutos, grinaldas e enrolamentos. Desta decoração fazem ainda parte três placas de porcelana, assinadas por Charles-Nicolas Dodin, um importante pintor de figuras da Real Manufatura de Sèvres que executou diversas placas para a decoração de móveis e instrumentos científicos, para além de serviços e vasos. Sabemos que, em 1776, Poirier adquiriu, em Sèvres, diversas placas de porcelana para decorar barómetros. Dodin é também o autor das placas de porcelana do já referido Barómetro-Termómetro de Madame Du Barry, atualmente no Metropolitan Museum of Art (Nova Iorque).

As três placas apresentam motivos relacionados com a função da peça. A placa superior, oval, tem uma reserva verde com cercaduras douradas e no centro tem um cupido, sobre uma nuvem, que segura um óculo. Na placa do meio, também com a mesma cercadura, podemos ver um menino num ambiente bucólico a segurar um compasso e uma esfera armilar. Na placa inferior, mais pequena e sem reserva, sobre uma nuvem encontra-se um livro e diversos instrumentos científicos. O livro está aberto numa página onde se lê “Connaissance des Temps”.

Os mostradores esmaltados dos dois instrumentos contêm informações sobre o estado do tempo. No termómetro lê-se a inscrição “Thérmomètre suivant M de Reaumur”, o que indica que a escala utilizada é a de Reaumur, cientista francês que em 1731 inventou um termómetro com uma escala dividida em 80 graus, baseando-se no ponto de congelação e de ebulição da água. Este tipo de termómetro foi muito utilizado na Europa da época.

A peça que aqui se apresenta irá figurar numa exposição dedicada a Charles-Nicolas Dodin que terá lugar no Palácio de Versalhes e estará patente ao público de maio a setembro deste ano. ■ Clara Serra

Claude-Siméon Passemant (1702-1769)

Charles-Nicolas Dodin (1734-1803)

França, 1768-1774

Carvalho, bronze, esmalte e porcelana de Sèvres

100 X 21 cm

N.º Inv. 2328



Próximo المستقبل Futuro القريب

Ons Abid, "Victory" (da série "Tunisian Revolution"), 2011



FESTA DA LITERATURA E DO PENSAMENTO DO NORTE DE ÁFRICA

Conferências, mesas-redondas, encontros. Com a participação de Tahar Ben Jelloun e dos bloggers que fizeram a "Primavera Árabe", entre muitos outros.

22 a 24 de junho 2012, no Jardim Gulbenkian

mais informações

tel. 217 823 529

proximofuturo@gulbenkian.pt

www.proximofuturo.gulbenkian.pt



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

apoio

INSTITUT
FRANÇAIS
PORTUGAL

design: Kaiser